

5. Memórias do PROLER

Tudo são memórias e boas memórias: rodas de
leitura, construção coletiva do saber e do entendimento de
histórias.

Depois de conhecer Eliana Yunes nos bancos
acadêmicos, ouvi-la contar histórias... Isto é memória do
Proler. As pílulas de poesia, as casquinhas de noz com
mensagens e poemas, o Gregório rememorando e falando
histórias...
Elisa Lopes¹

5.1. Genealogia da Memória

Rememorando os contadores de histórias, este capítulo se inicia com uma fórmula conhecida por todos aqueles que foram acalentados, nas noites da infância, pelas lendas, contos e mitos que trazem, ainda, o eco dos *akpalô*, “instituição africana que floresceu no Brasil na pessoa das negras velhas que só faziam contar histórias” e que, segundo Gilberto Freyre, “andavam de engenho em engenho contando histórias às amas dos meninos brancos”.²

Há muitos e muitos anos atrás, na antiga Grécia, por volta do séc. VII a.C., vivia um filósofo chamado Platão. Tinha sido um bom aluno de outro grande filósofo, Sócrates, de quem recebeu muitas lições, em forma de diálogos.

Ao acreditar que a invenção da escrita alfabética, pelos gregos, no séc. V a. C., de alguma forma, comprometeria o que se considerava uma das mais importantes capacidades do ser humano, a memória, o filósofo, em algumas de suas obras, como “Fedro”³, apresenta reflexões acerca da questão. Afinal, a partir da escrita alfabética, qualquer “artefato visível (poderia) ser preservado sem recurso à memória”⁴.

Para Platão, a memória tinha um caráter libertador, pois nos restituía a verdade, nos libertava dos erros, permitindo-nos recuperar a perfeição perdida⁵. Em tempos arcaicos, nas cosmogonias gregas, a memória era considerada um atributo metafísico, um dom conferido a determinados homens excepcionais⁶ eram a síntese do poeta, do profeta e do sábio em uma só pessoa. Nessa

perspectiva mítica, os *aedos*, (poetas), aqueles que rememoravam, eram os mensageiros dos deuses, da verdade revelada⁷.

Até então, toda a cultura grega era transmitida de geração em geração, através de relatos orais, como ocorreu com os poemas épicos, a “Ilíada e a Odisséia”, obras que, a partir do séc. IX a. C., foram atribuídas a Homero e que revelam muito sobre o período micênico da Grécia Antiga.

Homero e Hesíodo eram os poetas de que se valiam as famílias aristocráticas, na época de maior florescimento da democracia grega, para educar seus filhos. A partir das narrativas desses poetas, os gregos criaram um “padrão de educação” através do qual os jovens conheciam a virtude (*arete*) e se constituíam cidadãos⁸.

A pressuposição de Platão, afinal, não se configurou uma tragédia grega. A escrita alfabética, desde a sua criação, tem tido muito valor nas sociedades grafocêntricas, porém a memória não se extinguiu, pelo contrário, a partir do séc. XX, na área da historiografia, principalmente, antigas provas documentais têm sido enriquecidas ou, até, substituídas, em muitas situações, por testemunhos orais, “tornando a memória tanto objeto de análise quanto método”⁹ e o resgate das manifestações orais, a partir da década de 60, deu origem a um movimento de “renovação vivificadora” na arte de contar histórias, uma das grandes inovações nas propostas do Proler (1992-1996)¹⁰.

Santo Agostinho, no livro X de “Confissões”, fala da memória como um alçar-se a Deus. Nesse movimento chega-se “aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda a espécie. A memória seria, também, tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram”¹¹

O filósofo, em sua alegoria, vai desfiando todas as possibilidades, especificidades e características da memória. Mostra seu caráter seletivo que faz emergir algumas imagens e não outras, a forma mais ou menos violenta com que estas imagens e idéias nos atropelam, o esforço que é preciso fazer para afastar as nuvens que ainda encobrem algumas delas por trás de outras mais afoitas, a sequência temporal respeitada ou não. Por fim, mostra a presença dos sentidos permeando essas lembranças, de modo que as percebemos através de todas as

sensações. O exemplo a seguir ilustra com muita poesia esta percepção de Santo Agostinho.

Com a boca sentimos o sabor das coisas: o doce, o amargo, o azedo, o suave, o forte.
 Mas o sabor acorda a nossa memória.
 O gosto do doce de leite traz a lembrança da mãe na beira do fogão e escutamos ainda o ruído da colher raspando o fundo do tacho.
 O sabor encurta o tempo.
 Descobrimos que cada gosto guarda uma história.
 (Queirós, Bartolomeu Campos de. 1995, p. 10)

Este trecho foi extraído de uma obra onde o autor nos fala da memória a partir dos cinco sentidos, mostrando como, através deles, apreendemos o mundo e arquivamos essas experiências. Ao trazê-las para o presente, revivemos algumas das sensações que as envolviam e redimensionamos o conceito de tempo.

Agostinho dirá que essas experiências são “impressões para recordar e revisitar quando for necessário” e que o que retemos são as “imagens das coisas sensíveis sempre prestes a oferecer-se ao pensamento que as recorda”¹².

Também na memória residem os conhecimentos, não sob a forma de imagens, como ocorre com os objetos, mas em sua própria realidade, como idéia. Ainda que suponha serem os sentidos as portas de entrada da matéria da memória, quando se trata de imagens possíveis de serem por eles absorvidas, o filósofo se questiona acerca da possibilidade de essas imagens e realidades já existirem depositadas anteriormente na memória. Nessa perspectiva, através da teoria da reminiscência, aproxima-se de Platão para quem aprender seria recordar o que já estaria latente em nossas lembranças, trazido de outras vidas anteriores¹³.

Ao tratar dos afetos, Agostinho, fala das lembranças, dos gozos e das dores passadas, mostrando que, pela força da memória, os afetos podem-se apresentar diferentes em relação à forma como foram experimentados em outro momento. Assim, as dores podem ser recordadas com prazer e os prazeres com tristeza; os medos, sem temor e a antiga cobiça, sem ambição. Essa condição da memória possibilita que não nos alteremos ao recordar as perturbações da alma que, segundo o filósofo, são o desejo, a alegria, o medo e a tristeza. Finalmente, é no “palácio da memória”, na amplitude daquele “santuário” que o homem se

encontra a si mesmo, pois é através do conhecimento de si que atingirá o conhecimento de Deus e da verdade.

Todas essas concepções da memória partem do entendimento de que esta faculdade é uma característica individual. Tal perspectiva se mantém até o século XX, quando, a partir dos estudos de Maurice Halbwachs, outros critérios são apresentados, com base na convicção de que “nenhuma lembrança pode existir sem a sociedade”. Dessa forma, Halbwachs institui o conceito de memória coletiva. Segundo estudiosos do tema, Halbwachs teve, em suas reflexões a influência de Bérson.

O sociólogo, tal como Bérson, rejeitou a idéia de que a memória fosse uma atividade meramente física, capaz de ser mensurada em laboratórios. A sua tarefa, entretanto, foi a de defender a idéia de que as imagens não estavam relacionadas ao espírito humano, ou a uma consciência interna pura, como supunha o filósofo, mas a representações coletivas estabelecidas por grupos sociais. Ambos trabalharam com a noção de que a linguagem e a razão eram capazes de nomear os estados de consciência¹⁴.

As conclusões de Halbwachs traduzem posições que refutam, inclusive as teses de Freud sobre o inconsciente. Dessa forma, as tensões possíveis entre consciente e inconsciente que justificariam explicações relativas aos “sonhos desconexos, à fragmentação da memória e a problemas da fala”, por exemplo, foram desconsideradas em função de uma concepção segundo a qual tudo se justificava a partir das construções sociais. Para o autor, “a relação entre indivíduos e os quadros sociais foi compreendida fundamentalmente como sendo uma relação de manutenção de estruturas já dadas¹⁵.”

Na teoria de Halbwachs, “o indivíduo não foi jamais pensado a partir, seja da intuição, seja da criatividade humana, [...] suas escolhas foram explicadas estritamente a partir dos quadros estáveis que o mundo lhe oferecia¹⁶.” Para o teórico, teríamos uma memória autobiográfica e uma memória histórica. A primeira recorreria à segunda, mais extensa, ainda que a última apresentasse para nós o passado resumido¹⁷. Seus estudos trouxeram para a análise de representações coletivas a dimensão da história, ao concluir que, mesmo que o indivíduo estivesse só, recordaria através de memórias que não seriam só suas, mas construídas a partir da interação entre indivíduos. Finalmente, seus estudos

comprovaram que nenhuma lembrança pode existir sem a sociedade¹⁸ e não é possível separar a memória da linguagem.

No século XIX, na “Genealogia da moral”, Nietzsche já antecipa o conceito de memória social criado por Halbwachs, ao apresentar sua explicação para o desenvolvimento da memória no ser humano. Essa faculdade teria sido imposta a grupos nômades anárquicos através da força e como recurso para se defenderem das ameaças de grupos rivais e de animais perigosos. Nesses casos, “o grupo se comunicava por meio de sons convencionais [posteriormente palavras] que tinham de ser gravados, memorizados, para que o grupo acatasse imediatamente as ordens do chefe da horda”¹⁹.

Ainda que sob essa perspectiva, a memória seja “essencialmente social”²⁰, Nietzsche esclarece que “a memória individual é inseparável da memória coletiva, já que o fato de lembrar surge de necessidades comunitárias e não de impulsos individuais”²¹. Em suas reflexões, o filósofo trata, também, do esquecimento, possibilidade para novas criações e experiências.

Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo de órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de *tabula rasa* da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente) eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta²².

Em “Psicopatologia da Vida Quotidiana”, Freud vai tratar, também, do mecanismo do esquecimento, explicando que o material da memória sofre os efeitos tanto da condenação quanto da deformação. O material da memória que tem conteúdo afetivo resiste à condenação, o que é indiferente sucumbe-lhe. A partir de pesquisas, Freud concluiu que o tempo não altera reminiscências reprimidas. O importante é que todas as impressões daquele momento pretérito são conservadas. Dessa forma, seria possível reconstituir para a recordação todo o estado anterior do conteúdo da memória. Isto também seria possível através de “sonhos desconexos, fragmentação da memória, atos falhos, problemas da fala, entre outros”.²³

Uma abordagem indispensável ao tratar da memória é a perspectiva sob a qual Walter Benjamin a considera em seus trabalhos e que vai dar suporte à

presente reflexão. Fazendo um contraponto entre memória e história, esta considerada sob a perspectiva do materialismo histórico, que, segundo o teórico, seria a única possibilidade de fazer do passado “uma experiência única”, Benjamin apresenta o foco do investigador historicista que, em sua opinião, estabelece uma relação de empatia com os que venceram, os dominadores de hoje, que espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Propõe, então a tarefa de escovar a história a contrapelo.²⁴ Sua concepção da história tem por conceito fundamental, não o progresso, mas a atualização.²⁵ Nesse sentido,

[...] a primeira etapa desse caminho será aplicar à história o princípio da montagem. Isto é: erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão”. (...) a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética – não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta. – Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é: não-arcaicas), e o lugar onde as encontramos é a linguagem.²⁶

Esta forma de abordar a história que “tem em sua base o princípio construtivo”, Benjamin delega ao historiador marxista, pois, segundo suas palavras, “pensar não inclui apenas o movimento das idéias, mas também sua imobilização”.²⁷

O momento da imobilização, “quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões”, é a grande oportunidade da ação revolucionária e explode como uma fagulha, “permitindo o dom de despertar no passado as centelhas da esperança”.²⁸

Nesta tarefa, a memória tem a sua função. Na condição de arqueólogos vamos recolhendo “o que a cidade jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu”. Neste garimpo seletivo, Benjamin define a sua ética da memória “por um lado a destruição da falsa ordem das coisas e, por outro a construção de um novo espaço mnemônico”.²⁹

Este passado que está preservado em nossa memória é algo que ninguém pode tocar ou destruir, parafraseando Virginia Woolf.³⁰ É a matéria de sonhos possíveis que em algum momento foram sufocados. É a centelha da esperança.

A memória era um dos pilares do Proler. De grande importância, nesse sentido, foi o trabalho de resgate das histórias de leitura dos profissionais que

participaram do programa, através da coleção *Ler e Fazer*.³¹ Os registros eram valorizados na medida em que iam construindo o material que formaria o Centro de Referência e Documentação do programa, criado na Casa da Leitura. Esse material representa a memória de uma geração de leitores e vem enriquecer o panorama da história da leitura no país, como se pode confirmar através do fragmento a seguir.

Na minha terra aprendíamos a ler com os professores leigos e a natureza. A escola era a casa de moradia, para onde caminhávamos no horário das aulas. Assim como íamos ao rio para aprender a nadar. Com a mesma naturalidade receosa de quem se aproxima do desconhecido, mas sem temor.(...) A Escolinha da Professora Sizica funcionava em sua própria casa, no bairro do Cafezal em Abaetetuba – cidade paraense à margem do rio Tocantins, onde nasci.³²

Ao considerar as memórias dos profissionais que participaram do Proler, respeito, portanto, uma de suas opções metodológicas. Sigo, também, a tendência que se observa nas áreas acadêmica e literária a partir de meados do século XX, que passam a valorizar as histórias de vida e a memória em suas produções. A obra de Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade* é um exemplo dessa tendência. A memória adquire o status de método da pesquisa, e nos faz refletir que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.”³³

A valorização da memória revelou-se também, a partir dessa época, no cuidado em preservar nosso patrimônio cultural. Muitas cidades históricas, prédios e monumentos até então esquecidos pelo poder público foram tombados e têm sido recuperados através de parcerias entre os governos e a iniciativa privada, divulgadas através de campanhas institucionais.

Ao reconstruir estes monumentos a partir das ruínas, reconstrói-se o passado e se atualiza a história, articulando o passado com o presente e marcando determinada data no calendário, como nos ensina Ricoeur, ao discutir conceitos como memória, história e esquecimento. Segundo o autor,

[...] é a arquitetura que traz à luz a notável composição que formam em conjunto o espaço geométrico e o espaço desdobrado pela condição corpórea. A correlação entre habitar e construir produz-se num terceiro espaço – se quisermos adotar um conceito paralelo ao de terceiro tempo, que (o filósofo propõe) para o tempo da história, em que as localizações espaciais corresponderiam às datas do calendário.³⁴

A memória nos traz a possibilidade de repensar, na perspectiva atual, as experiências do passado. Dessa forma, a análise dos depoimentos, narrativas e relatos dos que participaram das ações do Proler, entre 1992 e 1996, são material indispensável para criar outras constelações em que se misturem, como nos ensina Benjamin, os traços do ocorrido com o agora.

O Proler (1992-1996) estabeleceu como princípio fazer da leitura uma prática social comunitária em todos os espaços possíveis. Isto por acreditar que, na medida em que toda a comunidade valorizasse a leitura, seria possível mudar a escola e a própria sociedade.

Um programa de leitura que partisse dessa realidade tinha de ser planejado considerando, além da grande diversidade cultural do país, a amplitude das áreas de atuação, atingindo toda a sociedade, inclusive os excluídos, os silenciados, os afastados do convívio social, através das várias instituições públicas, mas também, investindo nas parcerias possíveis com os demais representantes dessa sociedade: sindicatos, empresas, organizações não-governamentais, sistema escolar privado, envolvendo essas instituições com o programa. Sem uma ação conjunta muito pouco se conseguiria, considerando os sempre poucos investimentos do poder público nas áreas da Educação e da Cultura. Estas reflexões são fruto da análise dos depoimentos que se seguem.

Os depoimentos que se seguem traçam a cartografia de um momento da história da leitura no país e resultam de uma pesquisa em que foram utilizados, como instrumentos, entrevistas, questionários e relatos de experiência. Minha intenção era extrair desse material as memórias do Proler, resgatando experiências coletivas de modo a salvá-las do esquecimento, porque “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.³⁵

No resgate dessas narrativas, considero, a “dinâmica ilimitada da memória” em que cada texto suscita outros textos e aponta para “mais além do texto, para a atividade da leitura e da interpretação”, acreditando que a história admite “diversas interpretações e que permanece aberta, disponível para uma continuação de vida que esta outra leitura renova”.³⁶

Por fim, tenho intenção de, nesse trabalho de recuperação de memórias, “intercambiar experiências” de uma equipe que viajou pelo país, “do Oiapoque ao Chuf”, pois, segundo Benjamin, “quem viaja tem muito o que contar”.³⁷

Estes depoimentos vão se entrelaçar com o resultado da pesquisa dos documentos e enriquecer dessa forma este relato sobre a história e a memória do Proler.

Há respostas que decorrem de questionários e, portanto, redigidas por seus autores, outras resultam de entrevistas e, por isso, transcritas. Nestas últimas, tentei eliminar algumas marcas de oralidade e evitar as pausas para não prejudicar a fluidez da leitura. Ainda assim, procurei ser fiel a todos os segmentos do discurso. Esta decisão foi possível por considerar que meu interesse não é a análise do discurso, especificamente, ainda que, em algumas situações pontuais, possa utilizá-la. Há, ainda um depoimento escrito por Dolores Coni Campos, especialmente para esta Tese, em que nos apresenta Fernando Lébeis, um dos atores sociais desse movimento instituinte promovido pelo Proler e que já não está mais entre nós.

Outros aspectos a considerar dizem respeito às categorias escolhidas que não são rígidas, mesmo porque, nas entrevistas, principalmente, os temas se atravessam ao sabor da prosa e separá-los, em algumas situações, implica comprometer a coerência do discurso ou a coesão de sua estrutura interna. Importa registrar também que este material, na íntegra, encontra-se nos Anexos à Tese. Finalmente lembro que neste capítulo os entrevistados falam das marcas afetivas que o Proler imprimiu em suas vidas, mas em toda a pesquisa ressoam indelevelmente os fragmentos desses discursos amorosos³⁸.

5.2.

Marcas de uma Experiência Instituinte de Leitura

Em sua obra *La Experiencia de La lectura. Estudios sobre literatura y formación*³⁹, Jorge Larrosa registra o conceito de experiência buscando a etimologia da palavra. *Ex-per-ientia* significa em sua origem “sair fora de e passar

através”. A diferença entre experiência e conhecimento marca-se pelo limite, pois o conhecimento representa um saber infinito e caracteriza-se por estar fora de nós, como algo de que podemos nos apropriar e utilizar pragmaticamente. A experiência é fruto de um saber finito que nos faz amadurecer, diante da certeza da nossa finitude. Está, portanto, dentro de nós. Assim, ao viver uma experiência, podemos nos transformar de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. Nessa concepção⁴⁰, experiência é algo que nos acontece e que nos forma ou nos transforma.

Avaliando os depoimentos que coletei percebe-se que para esses atores sociais o Proler foi uma experiência que os transformou. No início dos depoimentos estão identificados seus autores e as notas de rodapé trazem sua formação profissional e demais informações.

Augusto⁴¹

[O Proler] para mim foi uma experiência única e fascinante. Era, sem exagero, um “espetáculo de cultura”. Não íamos aos módulos como “sábios doutores” que estavam ali para impor o seu saber. Íamos trocar. Buscar a leitura de mundo do lugar e misturá-la à nossa. Era um diálogo em prol de um objetivo comum: a importância da leitura como agente fundamental para a construção de uma nação justa. A leitura como agente de possibilidade e não de determinação. Aconteceram muitas situações: algumas engraçadas, algumas tristes, todas construtoras de objetivos. Todos que participaram do programa devem ter várias histórias como a da recepcionista que virou bibliotecária (relatada anteriormente). Histórias de transformação através da leitura.

(Augusto Pessôa – Questionário)

Segundo Bobbio, a relação entre os intelectuais e o poder remonta a um problema ancestral.⁴² O tema é discutido na *República*, de Platão, aparece na *Ética a Nicômaco*, nas reflexões de Kant e, modernamente, na obra de Foucault e de Paulo Freire, os dois últimos já citados numa das abordagens da questão.

O lugar dos intelectuais no Proler foi motivo de reflexão dos profissionais que dele participaram e de críticas dos que viam no programa uma ação verticalizada sem a participação popular em sua implementação, mas apenas na execução como agentes passivos.⁴³ Isto se reflete em alguns depoimentos como ocorre com o de Augusto Pessôa⁴⁴ que dá relevância ao fato de não pertencer ao mundo acadêmico, apresentando-se como um Contador de Histórias. Nestas circunstâncias, o artista expõe a dicotomia que se delineou na gênese dessa discussão e que é um dos problemas centrais da filosofia: o da relação entre teoria

e prática (ou entre pensamento e ação). Aos intelectuais, que receberam esta denominação apenas há cerca de um século, tem sido reservada, através dos tempos, a missão de elaborar e transmitir conhecimentos, teorias, doutrinas, ideologias, concepções do mundo ou simples opiniões, que constituem as idéias ou os sistemas de idéias de determinada época de uma sociedade específica.⁴⁵

Esta posição, entretanto, nem sempre se confirma, na opinião de Milton Santos. O sociólogo, abordando o tema, remete à responsabilidade que cabe aos intelectuais de apontar, através da reflexão crítica, soluções para que a exclusão e a dívida social, que aparecem como se fossem algo fixo, imutável, em países como o Brasil, possam ser substituídas por uma ordem mais humana.⁴⁶

Comenta, porém, que, na atualidade, aumenta o número de letrados e diminui o de intelectuais e isto representa um grande drama da nossa sociedade uma vez que os letrados ou não pensam para encontrar a verdade, ou, encontrando, não a dizem.⁴⁷

No documento *Por uma política de leitura*⁴⁸, a questão não se coloca como nas perspectivas apresentadas acima. A dicotomia entre teoria e prática e entre pensamento e ação não é ressaltada, conforme se pode comprovar.

Não é possível estimular a leitura e cativar novos leitores se não estamos convencidos das vantagens de ler. Não seremos capazes de converter analfabetos ou iletrados em leitores se não estamos convencidos da importância da leitura. Nós que estamos como intermediários entre os livros e as crianças – pais, mestres, bibliotecários, editores, livreiros e produtores culturais – se não vivemos a leitura como um ato permanente de enamoramento com o conhecimento e a informação, se não praticamos o prazer da convivência com a leitura, não lograremos promovê-la, nem ampliar o número de leitores. Ou seja, senão estamos capacitados, como capacitaremos os outros? Ou melhor, se não estamos animados, como animar os demais?

Não são os intelectuais os responsáveis por estruturar o Proler. A proposta é que ele seja construído por toda a sociedade. Que todos assumam esta responsabilidade. Os intelectuais ou mestres estão ao lado da família e de outros segmentos da sociedade, ligados de alguma forma à prática da leitura, todos imbuídos do mesmo propósito: formar uma sociedade leitora. Esta é a proposta que se depreende da documentação do Proler: que a sociedade opere sua própria

transformação, pautada pela ética no respeito ao direito do outro, através de um movimento solidário, acreditando que, como ensina Castoriadis:

A autotransformação da sociedade diz respeito ao fazer social e, portanto, também político no sentido profundo do termo – dos homens na sociedade e a nada mais. O fazer pensante e o pensar político – o pensar a sociedade como se fazendo – é um componente essencial disso.⁴⁹

Voltando ao relato de Augusto Pessôa, destaco o seguinte fragmento: “Não íamos aos módulos como sábios doutores que estavam ali para impor o seu saber. Íamos trocar”. Nesse fragmento o artista reafirma a posição de Sócrates quando, ao parodiá-lo, remetendo à sua Maiêutica, declina da posição de sábio doutor, apresentando-se diante dos seus discípulos como um facilitador do parto da leitura, como aquele que apenas sabe que nada sabe e, numa relação dialógica, troca experiências que se configurarão o mote para outras experiências.

*Elisa*⁵⁰

Quando reflito à distância sobre o que foi a minha experiência com o Proler, penso primeiramente num envolvimento afetivo, emocional e prazeroso com a leitura. Durante minha formação acadêmica, vivia um conflito interno entre o pensamento intelectual, racional – vindo da teorização da literatura e entre as emoções que a leitura literária me proporcionava desde criança. Além disso vivia, um certo “preconceito” interno de não ter sido uma leitora clássica e voraz no sentido de ter lido todas as obras importantes da literatura universal e brasileira. Com o Proler, fui descobrindo a leitora que todos somos se soubermos valorizar o nosso repertório cultural sem fecharmos, obviamente, para novas experiências de leitura. Portanto, posso falar com muita convicção que o Proler (com suas atividades e sua política pública de leitura) ajudou-me a não só resolver o conflito entre razão e emoção, mas também me ajudou a valorizar o que sinto, o que sou enquanto sujeito e leitor. Além disso descobri o real sentido da relação entre leitura ou políticas públicas de leitura e democracia. (Elisa Lopes– Questionário)

O depoimento de Elisa Cristina Lopes aborda, de forma recorrente, a dicotomia já citada na análise do depoimento de Augusto Pessôa e que aqui se configura através da relação entre razão e vontade, ou razão e emoção, descrita como o conflito que pontuou sua formação acadêmica. Dividida entre a teorização

da literatura e a experiência da leitura literária sumamente prazerosa, a professora carregava ainda outra culpa a atormentá-la: a de não ter lido os clássicos.

Relendo Bobbio em sua referência ao Livro X da *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, onde o “tema tradicional da superioridade da vida contemplativa em relação à ativa” é abordado, o filósofo lembra que aí se fortalece “a imagem do intelectual que se refugia na chamada torre de marfim”, afastando-se do restante dos mortais. Outra variante é a “do filósofo ou sábio que é educador do príncipe”. Outra ainda nos apresenta “a atual figura do intelectual cuja principal tarefa é a de contribuir com conselhos de especialista para a condução do bom governo”.⁵¹

Com relação às questões iniciais colocadas por Elisa, e que se ampliam no decorrer de sua fala, observa-se, na sequência de sua exposição, que ambas foram “amenizadas” com a experiência vivida como participante do Proler. A primeira ao compreender a importância e o valor que devem ser dados ao repertório cultural que nos constitui enquanto sujeitos, lembrando que isto não exclui a condição de estar aberto a outras experiências, e a segunda ao respeitar a teoria de Daniel Pennac, referência recorrente nos círculos de estudiosos da leitura, e que desconstrói vários mitos instituídos em relação a esta experiência, através do seu decálogo: *Os direitos imprescritíveis do leitor*, que se inicia com *O direito de não ler*.⁵²

Vivendo a experiência de conjugar razão e emoção, a partir de sua inserção no programa e revendo, através dos espaços teóricos oferecidos, os conceitos elitistas de leitura, Elisa pôde conduzir suas ações pautada numa concepção até então inacessível à torre de marfim onde estivera aprisionada: a da leitura como prática social a que todos, indistintamente, têm direito.

Há, ainda, um aspecto que merece atenção, nesse depoimento, a consciência da dimensão política da leitura, adquirida nas reflexões promovidas pelo Proler, justificando, a necessidade de se instituir uma política pública de leitura, de modo a garantir que toda a população, nos mais diversos rincões do país, tivesse acesso à leitura como “um direito humano”.

*Bartolomeu*⁵³

[...] quando a Eliana expôs o programa eu fiquei muito envolvido, fiquei muito entusiasmado com a proposta [...], achei que seria um programa bonito porque trabalharia com comunidades, independente de professores, podiam ser professores, médicos, engenheiros, operários, podia ser qualquer pessoa que

tivesse vontade de promover leitura. Então eu fiquei muito impressionado [...] e imediatamente também comecei a trabalhar porque eu estava na presidência do Palácio das Artes, [Nessa ocasião], só assisti à reunião [...] o que me levou mesmo a [participar foi] quando Eliana começou a me convidar para viajar [expandindo as ações]. Eu de fato estava muito mobilizado e uma coisa marcava muito o programa, no período em que eu trabalhei: é que nós éramos um grupo muito unido, nós não tínhamos dúvidas quanto àquilo que nós estávamos fazendo. Nós tínhamos certeza de que nós estávamos fazendo o melhor da gente naquele momento. (Bartolomeu Campos de Queirós – Entrevista).

Bartolomeu traz em suas lembranças as experiências que vivera como educador a serviço do MEC em Belo Horizonte. Utilizando uma escola como laboratório de pesquisa, um grupo de professores sob responsabilidade do Ministério fazia experiências educacionais e enviava os resultados para análise do MEC. A liberdade com que trabalhavam permitiu-lhes desenvolver durante vinte anos um trabalho que fortaleceu o sistema educacional, revertendo em benefício das escolas públicas. Na implantação do sistema de ciclos, nas escolas do ensino fundamental, por exemplo, a Escola Plural foi uma das pioneiras, sendo referência para os outros estados e municípios. Por isso a forma como se refere ao trabalho que desenvolveu no Proler. Havia uma experiência acumulada e muita vontade de acertar, sabendo que estava fazendo o melhor de si. Além do mais o grupo era muito unido.

Bethânia⁵⁴

Escrever sobre o que foi o Proler, sob a gestão de Eliana Yunes, é descrever não somente a repercussão que causou nas cidades por onde circulou, mas é também falar sobre os deslocamentos que provocou nos próprios integrantes da equipe. As ações pró-leitura empreendidas atingiram a todos os envolvidos: do lado do variado público que comparecia em massa aos eventos promovidos com uma enorme sede de saber e também do lado dos profissionais convidados a ministrar oficinas, participar de mesas redondas, debater com o público, ouvir demandas, registrar os acontecimentos etc. É de um lugar situado entre memória e esquecimento, em que pesa sobretudo uma lembrança afetiva mesclada ao prazer da descoberta de que há muito a aprender fora do saber universitário, que escrevo sobre alguns dos múltiplos sentidos do Proler. (Bethânia Mariani- Questionário)

Memória e esquecimento fazem parte da temática de Paul Ricoeur⁵⁵. Diz o filósofo que é o esforço da recordação que oferece a melhor ocasião de fazer “memória do esquecimento”, citando Santo Agostinho. “A busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato da memória, a saber, lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à ‘rapacidade’ do tempo [...], ao ‘sepultamento’ no esquecimento”. Afinal vive-se um enigma, pois

não sabemos se o esquecimento tem a função de nos impedir de lembrar o tempo passado ou se decorre do próprio desgaste do tempo a partir de outros rastros que vão se sobrepondo à nossa memória. O registro escrito, entretanto, resgatado num documento consistente nos traz referências de um trabalho comprometido com a causa social, especialmente.

Dolores⁵⁶

Eu estava na Bahia, eu sou baiana e naquele período, em 1994, eu estava na Secretaria de Educação, ligada à questão da Educação Infantil, [...] quando me fizeram um convite para eu participar, [...] de uma rede de leitura [...] E aí [Eliana Yunes] formalmente me convidou para participar e viajar com eles no projeto. [...] Eu acho [...] que na nossa vida a gente tem encontros significativos. Eu tive com a escolinha [Escolinha de Artes do Brasil] dos anos sessenta e nos anos 90 eu tive com o PROLER, Programa Nacional de Incentivo à Leitura, pelas mãos de Eliana e pelas mãos de Gregório. E aí foi uma realização. Uma realização com as coisas que eu pensava e aí eu fui vendo que as coisas que eram faladas é que faziam eco com as coisas que eu pensava. Muitas questões foram novas, também. Foram tão novas que quando eu estava com eles eu senti necessidade, já que eu estava discutindo essas questões, de poder fazer a minha especialização com Eliana Yunes. (Dolores Coni- Entrevista).

Dolores, além de uma entrevista, respondeu-me ao questionário. A emoção em nosso primeiro encontro, ao lembrar da experiência que foi o Proler em sua vida, abrindo-lhe outras possibilidades no campo profissional e afetivo, encorajou-me a fazer-lhe um pedido. Um dos companheiros do grupo que atuou no Proler era o amigo de longa data, Fernando Lébeis, profissional que trouxe para o programa experiências da cultura popular que faziam a alegria de comitês como o de Goiás, por exemplo, conforme se pode comprovar ao ler os depoimentos de Ebe e Goiandira, que chegavam a reunir quinhentas pessoas em seus eventos.

Diante da emoção de Dolores ao relembrar o amigo já falecido, pedi-lhe um texto que pudesse nos mostrar um pouquinho de quem foi Fernando Lébeis para a cultura do país.

Seu trabalho foi minucioso. Entrevistando pessoas que conviveram com Fernando: amigos, familiares, alunos, companheiros do Proler, Dolores traçou um perfil singelo e comovente desse grande artista que, segundo Ebe, “continua encantando os anjos agora, com certeza”. Este texto consta do Anexo da tese.

Dolores foi minha primeira entrevistada e demonstra tal compromisso com as propostas do Proler que continua divulgando em seu trabalho de Contação de Histórias, palestras e produção de livros as experiências que a transformaram.

Os depoimentos a seguir têm algumas características comuns. São relatos de professores de Língua Portuguesa e as reflexões que fazem merecem ser comentadas.

*Maria Teresa*⁵⁷

Eu diria que, antes do Proler, eu me voltava muito para as questões da Língua Portuguesa, embora minha dissertação de Mestrado tenha sido de Monteiro Lobato, mas enfocando a linguagem de Monteiro Lobato. [...]a partir do convite de fazer parte do Proler, em 1992, [...] foi uma transformação, foram rumos totalmente diferentes, foi um acréscimo, [...] eu comecei a tratar a leitura de uma maneira muito menos subjetiva, [...] muito mais centrada dentro de uma preocupação acadêmica. Então profissionalmente, inclusive, eu comecei na Faculdade a ter dois grandes centros de interesse: a Língua Portuguesa e a Leitura e aí comecei [...] a tentar descobrir uma articulação, entre a Língua Portuguesa e a Leitura e [...]como sou professora de Língua Portuguesa, eu acho que essa articulação se dá via linguagem, entre a Leitura e a Língua Portuguesa, então o profissional e o acadêmico [...] com a entrada do Proler na minha vida [...] realmente ficaram enriquecidos, eles tiveram uma outra dimensão, uma dimensão muito maior, uma dimensão muito mais completa.[...] acho que eu fiquei uma pessoa melhor porque [...] o Proler abriu a minha cabeça, abriu a minha mente, abriu o meu coração, abriu a minha forma de me relacionar com as pessoas, com meus alunos, até na minha vida pessoal, sem dúvida alguma. [...] sintetizando [...] é uma época, de 1992 a 1996, esse Proler que eu conheço, esse Proler que eu vivi, esse Proler que eu entendo, é uma época [...] que me enriqueceu de todas as maneiras e me tornou uma pessoa e uma profissional melhor. É uma mudança de rumo e alguma coisa que vejo como um marco, sem dúvida alguma. (Entrevista, 27/06/2007)

*Marta*⁵⁸

O Proler representou uma reviravolta muito grande em meu modo de entender a relação das pessoas com os textos e a leitura; me ensinou a trabalhar conteúdos dos programas da universidade de modo mais prazeroso, sem perder a seriedade da ciência ou a profundidade da pesquisa. A sala de aula ficou mais arejada e muito mais humana. Academicamente, o Proler abriu-me os olhos e a mente para a diversidade cultural, a multiplicidade de perspectivas no trato dos mais relevantes assuntos. A vida pessoal ficou enriquecida com amigos que até hoje têm entrada franqueada e sala de estar com todas as mordomias em meu coração. (Questionário).

A tradição gramatical que trazemos desde o início da nossa colonização é tão marcante que para um professor de Língua Portuguesa é quase impossível não priorizar a Gramática em suas aulas. A Leitura tem ficado sempre em segundo plano e as justificativas são singelas. O estudo da Gramática é que melhora a leitura e a escrita do aluno. Com a distribuição de livros didáticos “às mancheias”, como diria nosso poeta romântico mais arrebatado, as aulas já vêm prontas. A partir de recortes de textos literários são organizados questionários de

“compreensão e interpretação de texto” e os infalíveis exercícios de Gramática. E são sempre os mesmos textos e são sempre os mesmos exercícios. Ah, e são sempre as mesmas noções gramaticais numa ordem que não se sabe quem inventou, mas que a heteronomia nos impede de enxergar. Há quinhentos anos repetimos as mesmas noções.

Quando se fala em Leitura os professores de Língua Portuguesa sentem-se responsabilizados pelos outros que não consideram a Leitura problema seu. Esta é a realidade do magistério do Ensino Fundamental e Médio, tanto na rede particular, quanto na rede pública de ensino. Qualquer movimento de mudança é uma afronta principalmente para o professor de Língua Portuguesa. Fazê-lo entender que “ler é condição de estar no mundo: recebê-lo, interagir com ele, recriá-lo, escrevê-lo e inscrever-se nele”⁵⁹, ainda é um grande desafio.

Telissa⁶⁰

A participação no Proler me permitiu crer que, enfim, havia uma política de leitura para o nosso país, que essa política pela sua articulação nacional, pela sua capilarização por diferentes espaços sociais poderia realizar o sonho de uma sociedade brasileira mais feliz, mais participativa, mais responsável. Essa crença deu um sentido novo, um novo rumo às minhas atividades profissionais e acadêmicas: sabia que atuava numa rede, para tornar o país melhor para todos, e que isso não era apenas um discurso no vazio. Estudava e trabalhava para esse fim. Pessoalmente me sentia mais feliz, tomada por um sentimento de solidariedade humana, de fraternidade. Foi um tempo muito sensível, de muita aprendizagem.

Maria Luiza⁶¹

Não tenho mais em mão documentos ou escritos técnicos do Proler (92/96) e já não saberia falar de detalhes que poderiam ser de seu interesse, mas vou tentar escrever o que for possível. Tenho hoje muitas memórias dos desdobramentos do Programa e da própria Casa da Leitura que, além de centro de pesquisa e estudos, era um centro de práticas leitoras aberto à comunidade. O período em que o grupo da Casa da Leitura pensava a teoria e vivenciava a prática, se não me engano, em mais de 200 municípios, naquela época, foi dos mais frutíferos que conheci em termos de articulação de trabalhos com a leitura. Sei que havia muitos trabalhos no Brasil naquele momento histórico, todavia o Proler tinha exatamente a perspectiva de não ser um plano verticalizado, mas uma ação articuladora de planos, projetos, experiências e interesses que já aconteciam em torno da leitura. Para mim essa era uma das marcas fundamentais do Programa porque não se pretendia a imposição de um trabalho em uma determinada instituição, mas uma assessoria e articulação de ações regionalizadas de promoção de leitura e, ainda, o Programa se oferecia como parceiro para a

formação de recursos humanos e para a busca de recursos financeiros. (Maria Luiza- Questionário).

Entre as críticas feitas ao Proler há os que defendem que sua política é apenas “paliativo que mascara a realidade da leitura no Brasil, porque não considera a participação popular na estruturação do programa – somente na execução”. Outros consideram que as parcerias e convênios feitos com estados ou municípios “se apresenta[m] verticalmente, sem negociar as demandas regionais, impondo estratégias políticas e concepções defendidas pelo programa, determinando o que deve ser realizado e de que forma”⁶². Os dois depoimentos lidos e os três que se seguem apresentam outras avaliações do Proler.

Francisco Aurélio⁶³

O Proler foi uma oportunidade que surgiu para aglutinar, no Espírito Santo, pessoas que já trabalhavam com a leitura e a formação do leitor, para aumentar esse número e para formar uma grande rede de pessoas com o mesmo ideal: formar um brasileiro leitor. (Francisco Aurélio Ribeiro – Questionário).

Lúcia Maroto⁶⁴

Como adepta, admiradora e militante do Proler desde 1992, ratifico a importância das ações desenvolvidas no país pela Coordenação Nacional com o apoio e envolvimento dos Comitês Regionais, constituídos em todos os estados com o objetivo de promover a articulação e divulgação do Programa junto aos municípios, e o desdobramento de suas ações nos mais diversos espaços por intermédio de instituições públicas e particulares, responsáveis pelo atendimento a crianças, jovens e adultos, que se manifestavam sensíveis e interessadas pela causa da leitura e da formação da cidadania.

Santinho⁶⁵

Dou destaque a uma das minhas experiências, a de São Matheus – ES, em 1994, com a realização dos dois primeiros Módulos, e, em 1995, com o 3º Módulo. Fui Coordenador Geral da CEUNES – Coordenação Universitária Norte Espírito Santo, da UFES, nesses dois anos e pude, com muito prazer e com um sentimento de agradecimento muito forte, co-organizar esses três encontros na cidade. Que Festa! (Questionário, 18/09/2006)

Os dois depoimentos a seguir são das pessoas que criaram o Comitê da cidade de Goiás, localizado, na Casa de Cora, Centro Histórico da cidade. Em Goiás, as atividades do Proler mesmo após a crise de 1996 continuaram ainda que tivessem de assumir outro nome: O Proler da Cidade de Goiás.

*Ebe*⁶⁶

Quando a gente fala do Proler, a primeira coisa que vem é muita emoção, é uma coisa muito de vinculação mesmo, afetiva, epitelial e que perdurou até hoje. Essa coisa de sensibilização para entender que leitura não é só a leitura do sinal gráfico, mas é uma leitura de mundo em que a gente se coloca no material que está sendo lido, se inscreve naquilo. É o que a gente estava tentando descobrir através dessa caravana que passou por aqui e que deixou uma saudade muito grande. Mas, enfim, quando você fala de emoção, você se perde, a gente acaba ficando refém mesmo de uma memória afetiva. Na verdade, nós tivemos momentos de altos e baixos no Proler e hoje falar sobre ele é difícil porque nós perdemos o referencial, pois nós fomos quase que despejados da Casa de Cora. (Ebe Lima- Entrevista).

*Goiandira*⁶⁷

Eu conheci o Proler no Rio, quando estava sendo criado, no governo Collor. Teve uma cerimônia na Biblioteca Nacional, mas eu não conhecia Eliana pessoalmente. Eu estava estudando e havia esse evento, me interessava, fui ver. A Ebe já conhecia Eliana das vindas dela a Goiânia porque a Ebe fazia faculdade aqui e a Eliana vinha. Nós tínhamos aqui, na Letras, na Faculdade de Letras da Universidade Federal um Seminário Nacional de Literatura Infanto-Juvenil organizado pelas professoras Vera e Zaíra, que foram as pioneiras aqui em Goiânia no estudo da Literatura Infanto-Juvenil e aí a Ebe participava e a Eliana, como referência nacional vinha e a Ebe a conheceu aqui. Quando ela fez o mestrado, foi fazer um curso no Rio. Eu estava lá e ela foi fazer esse curso com a Eliana, na PUC e aí que ela estreitou a amizade e soube mais de perto do Proler e conversamos. Eu já estava para voltar, em 1994, para cá, já tinha terminado os créditos do doutorado e aí nós resolvemos convidar a Casa de Cora para parceira.

Os rastros que a memória deixou nos próximos entrevistados são vigorosos. O trabalho continua como foi planejado e vai adotando outras feições onde cada um, dentro das suas especificidades, valoriza a promoção da leitura através da Contação de Histórias, de Palestras, Oficinas e Cursos de Formação de Mediadores ou agentes de Leitura, que continuam em muitos lugares sob responsabilidade desse grupo de pesquisadores.

*Gregório*⁶⁸

Na minha vida profissional o Proler alterou, ele mudou, ele transformou, até porque eu não tinha intimidade com essas questões. Fui criança, fui leitor em casa, mas a escola me inibiu muito com os livros. Em poucos momentos, na escola, eu tive uma relação prazerosa com o livro. E fui reencontrar os livros a partir do teatro e aí retomando com a leitura da dramaturgia universal e da dramaturgia brasileira eu reencontrei o prazer de ler e retomei a leitura da literatura dos romances, da poesia e escrevi em alguns livros esse meu relato. Mas foi a partir de 91 que eu fui participar da equipe do Proler, que eu passei a ter o interesse objetivo, direto, nas questões e fui aprendendo, fui aprendendo com a Eliana Yunes, com o Affonso Romano Sant'Anna e com a equipe. Maria Luiza Lucci, Marilu, foi pra mim, também, importante professora, Flávio Carneiro,

Marília Amaral, a equipe que eu encontrei no início do Proler. (Entrevista, 03/07/2007).

Ricardo⁶⁹

O Proler consolidou práticas leitoras até então dispersas, dando nexos a atividades que puderam se especializar e até mesmo se profissionalizar, como os contadores de histórias, os agentes de leitura, os oficineiros de leitura e os leitores-guias—algumas delas, atividades já existentes, mas nenhuma verdadeiramente inculcada na sociedade. Desenvolvi funções editoriais ligadas a esses trabalhos, além de ser eu mesmo um oficineiro e um leitor-guia, o que me ajudou bastante não só no âmbito profissional, como no humano. (Questionário).

Nanci⁷⁰

O Proler representou : “A construção de um olhar muito mais apurado sobre a questão da Leitura. Como campo teórico, como metodologia de trabalho, como possibilidade de transformação. Como bússola para a minha própria vida”. (Questionário, 29/06/2007).

Nelly⁷¹

A questão da *leitura* tornou-se, há bastante tempo, um tema para o qual me tenho voltado com curiosidade, interesse e preocupação. Numerosas perguntas surgem constantemente e, na busca de respostas, parece que elas se multiplicam e crescem em complexidade. Sendo professora de língua portuguesa e literaturas no idioma, trouxe para o campo prático alguns pressupostos teóricos, desenvolvendo, em uma escola que dirigi, um projeto de *Aprimoramento da linguagem oral e escrita*. Por tudo isto tive a oportunidade de trabalhar por mais de três anos no Programa Nacional de Incentivo à Leitura da Fundação Biblioteca Nacional/MinC — **Proler**, e conhecer seus pressupostos teóricos e a sua proposta pedagógica. Falar do *leitor* e de sua constituição tornou-se para mim, cada vez mais, tema recorrente de estudos e pesquisa, sendo que depois desta experiência, com mais embasamento teórico e prático, retornei à PUC-RIO para fazer o Curso de Especialização em Leitura. Hoje participo de um Grupo de Estudo, que se reúne quinzenalmente, cujos trabalhos estão voltados para o estudo das linguagens e afins. (Questionário, 24/04/2007).

Lúcia Fidalgo⁷²

Foi basicamente nele que tudo começou. Fiz parte da primeira equipe do Proler, nos porões da Biblioteca Nacional. Ministrava as oficinas de oralidade e biblioteca. Além disso atuava nas ações de leitura. Foi minha formação pessoal, profissional e acadêmica.

Sérgio⁷³

[O Proler para mim foi] Tudo de melhor. Minha vida profissional e, conseqüentemente, tudo o que ela representa e seu poder de influência sobre os outros tantos lados da vida, pode ser dividida entre antes e depois do Proler. Eu vinha de uma formação bem ampla, oferecida por meus pais, ainda que informal, mas com graduação em Arquitetura, com pendores para a literatura, música, artes plásticas... O Proler foi a oportunidade que tive de mostrar esses ‘talentos’ e vê-

los valorizados por um certo tipo e grupo de pessoas muito raras e especiais. (Questionário)

Estes depoimentos apresentam as marcas afetivas que deixaram seus rastros indeléveis nesses seres humanos, transformados pela experiência que vivenciaram em seus contatos com outras realidades que não conheciam, outras pessoas com quem não conviviam ou sequer sabiam de sua existência, e que são, parafraseando Mário de Andrade, brasileiros que nem nós.

5.3.

Casa da Leitura ou Biblioteca?

Biblioteca para o Proler tinha outro sentido. Ao invés do ambiente sisudo, silencioso, quase ameaçador em que uma bibliotecária que, por trás do balcão, nos condena com seu olhar cada gesto ou movimento intempestivo, natural em uma criança, a biblioteca era o espaço do prazer, da brincadeira, da Contação de Histórias, aos sábados e domingos, envolvendo a comunidade do entorno. Era também o espaço da formação teórica, pois recebia escritores, artistas, plásticos, palestrantes das mais diversas áreas do conhecimento, contadores de histórias nos encontros com os participantes dos Comitês regionais, professores, pesquisadores, a comunidade e todos os que se interessassem por discutir a Leitura.

O que se praticava como leitura na Casa da Leitura, portanto, se difundia, atraía e formava um público leitor variado, o qual, por sua vez, agia como elemento multiplicador capaz de levar para além dos limites da Casa aquela fusão de ler, saber e prazer ali vivenciados. Era assim que a leitura escapava de determinadas imagens cristalizadas e eternizadas pela escola e se estendia para o âmbito da família e do trabalho, ou seja, consubstanciava-se um processo de formação de leitores que integrava o cotidiano de qualquer um em qualquer situação. [...] Discutir sobre leitura, simplesmente, já se constituía em uma prática política. Assim, se, por um lado, a instauração de políticas públicas sofria da lentidão característica da (falta de) vontade dos governantes, por outro, a Casa da Leitura ampliava seu território, seu raio de ação, já que trabalhava e inseria a sociedade no processo de estimulação e concretização de práticas leitoras. Afinal, a própria leitura é um instrumento político de conscientização social.

(Bethânia Mariani – Questionário).

A Casa da Leitura foi um polo irradiador de ações com vistas à formação de leitores, no período entre 1992 e 1996. Criada em 13 de agosto de 1993, essa instituição abrigou vários departamentos que compunham a estrutura organizacional do Proler, entre eles, o Centro de Referência e Documentação e o Centro de Práticas Leitoras.

A Casa da Leitura instituiu-se como “um centro de promoção, de pesquisa e documentação da leitura”. Tinha como foco registrar todas as experiências em leitura que estivessem acontecendo em todo o país. Era, também, um centro de referência em leitura com a intenção de modificar o panorama da leitura no país

Criada com a intenção de fugir aos padrões de uma biblioteca tradicional, a dinâmica do seu funcionamento agradava pela disponibilidade que oferecia aos visitantes que se sentiam abraçados pela leitura sem as formalidades de uma biblioteca. O acesso à leitura se dava através da Contação de Histórias, prática que se manteve, por todo o tempo de vida do Proler (1992-1996), dos espetáculos teatrais, dos Encontros com Autores, da leitura em sua dimensão semiótica.

Além dos espaços teóricos propiciados nos locais em que se desenvolviam os módulos, havia um trabalho de formação que acontecia na Casa da Leitura e aberto a qualquer pessoa que tivesse interesse na formação de leitores. Também na Casa eram oferecidas, entre outras atividades, Oficinas de Contadores de Histórias, Cursos na área da Literatura, Seminários, Encontros com profissionais da área do livro, como editores e livreiros, reuniões para discutir as relações entre a leitura e as demais linguagens artísticas, através do Conversa Afiada, dos Ciclos de Literatura, com profissionais da área e outras ações em prol da formação de leitores e, por conseguinte, de agentes ou mediadores da leitura.

A Casa da Leitura foi responsável, também, pela produção de várias publicações já citadas e da Folha da Casa da Leitura, publicação mensal que trazia informações sobre as atividades desenvolvidas naquele espaço, e também nos localidades onde aconteciam as ações do Proler, além de entrevistas, artigos, relatos de experiência e demais informações sobre o programa.

5.4.

Contadores de Histórias: A oralidade e a cultura popular

*Levanta-te Boi Bonito
Levanta as orelhas e vem
Se a dona da casa dança
As fias dança também*

*Eh! Eh! Eh! Eh! Bumba meu boi
Eh! Eh! Eh! Eh! Canta meu boi
Eh! Eh! Eh! Eh! Bumba meu boi
Eh! Eh! Eh! Eh! Dança meu boi...*⁷⁴

A oralidade foi marca de várias culturas milenares já desaparecidas e é, ainda, na atualidade, a de algumas com as quais convivemos. A partir da invenção da escrita alfabética até a nossa era houve mudanças na transmissão da cultura. Os povos ocidentais de modo geral passaram a registrar através da escrita sua história, suas descobertas, suas invenções. Outras culturas, porém, mantiveram-se em sua tradição oral e, por esse motivo, têm sido desqualificadas, através de várias gerações, pelas culturas letradas em virtude dessa peculiaridade. É o caso das culturas africanas que nos interessam bastante, porque se apresentam como uma das maiores influências na formação da nossa própria história cultural e da nossa sociedade, hoje reconhecida como uma sociedade mestiça.

Nas últimas décadas, em função de movimentos promovidos por minorias étnicas, muitos desses preconceitos têm sido questionados, havendo um cuidado especial em alertar para o respeito às diferenças, em função das campanhas institucionais, no intuito de praticar o “politicamente correto”. É difícil lidar, por exemplo, com o preconceito étnico no país. Ainda que haja legislação a determinar sanções no caso de discriminação, é muito evidente que este permanece. Há campanhas veiculadas pela mídia, alertando para o que persiste desse sentimento em nossas atitudes. As empresas cuidam de incluir imagens de negros em suas propagandas, mesmo que se perceba ainda um desequilíbrio muito evidente na composição desse material. A título de exemplo, em Natal RN, há forte preconceito contra os cariocas em virtude de, nas novelas exibidas em todo o país através do monopólio das empresas que veiculam esse produto, os personagens nordestinos sempre ocuparem papéis subalternos.

O preconceito lingüístico tem sido apontado, também, como um fator de exclusão social. Nas escolas que atendem à população de baixa renda, há certa preocupação, nas propostas apresentadas aos professores, através de seminários, de artigos, de livros e de projetos, em que se alerta para o cuidado em respeitar o registro do aluno. A rejeição ao próprio presidente da república atual passou em parte por este preconceito.

E que registro é esse que pode ser o responsável pela exclusão de uma parcela significativa de cidadãos?

Esse registro manifesta grande influência da oralidade, da cultura popular. As marcas da oralidade permanecem na vida dessas pessoas, pois faz parte da sua cultura de origem. Tal cultura é representada por manifestações que ainda são consideradas como folclore. Até bem pouco tempo estas eram vistas, não só pelo estrangeiro como pela elite dominante, com certa simpatia, sob a perspectiva do exótico. Há muita resistência, ainda, em incorporá-las como marcas da nossa cultura.

Através da nossa literatura temos em especial, três grandes autores que abordaram a questão da exclusão social em grande parte da sua obra: Graciliano Ramos, sobretudo em *Vidas Secas*, João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina* e em muitas de suas poesias, e Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*.

Grandes ensaístas e cronistas deste século praticaram extensa revisão da documentação histórica e muitos entre eles exerceram a vocação etnográfica, de observação da diversidade da vida e da fala de populações abrigadas no território. A revisita aos fundamentos históricos da língua e da cultura, bem como o exame crítico das vicissitudes da história da formação das nações latino-americanas, é um itinerário comum aos seus modernos escritores⁷⁵.

A autora lembra ainda que nesse processo, novas palavras foram criadas e velhos termos deslocados, na medida em que camadas de tempos arcaicos eram revolvidas. Aponta, ainda para a importância de o escritor latino-americano nesse propósito “revelar” a nação.

Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. [...] Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? [...] Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos...

Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares (Fabiano em *Vidas Secas*)⁷⁶.

Fabiano e sua família fazem parte do grupo de retirantes que como num círculo vicioso vão sendo expulsos pela seca, sonhando com uma qualidade de vida melhor. “E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias”⁷⁷.

Não coincidentemente, os que permanecem restritos à cultura oral, sem acesso à cultura letrada, num país em que esta é símbolo de poder, são os mais pobres e, também por esse motivo, marginalizados socialmente. E as estatísticas já registradas em capítulo anterior comprovam que a região nordeste, nessa tese apresentada através das obras literárias de Graciliano Ramos e João Cabral de Melo Neto, é a mais afetada no país em relação aos índices de analfabetismo. Dessa forma, alia-se a oralidade à pobreza, à fome, ao subdesenvolvimento. Esta é uma posição ainda forte em nossa cultura. Considera-se a fome, a desnutrição e o subdesenvolvimento decorrentes do analfabetismo. Havelock⁷⁸ critica tal posição por considerar que, “deste modo, se fortalece a opinião de que as sociedades não-letradas são, em alguma medida, bárbaras, rudes ou primitivas; assim se nega importância às culturas orais, a rigor consideradas como não-culturas”.

O autor remete ao exemplo grego, lembrando que, “entre 1100 e 700 a . C., os gregos eram totalmente não-letrados [...] mas foi justamente nesses séculos que a Grécia inventou as primeiras formas da organização social e da produção artística que vieram a ser sua glória”⁷⁹.

Essas referências merecem reflexão, porque o discurso das sociedades hegemônicas permanece e suas práticas continuam promovendo a exclusão inaceitável dessas sociedades, nos países periféricos.

Mostrando que a possibilidade de transformação está nas mãos da própria sociedade, na articulação desses seres humanos espoliados, João Cabral reflete sobre o tema em poesias como *Tecendo a manhã*, onde registra que *Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos*⁸⁰. Na poesia que se segue, o tema é a palavra que impele à ação.

*Rios sem discurso*⁸¹

Quando um rio corta, corta-se de vez
 O discurso-rio de água que ele fazia;
 Cortado, a água se quebra em pedaços,
 Em poços de água, em água paralítica.
 Em situação de poço, a água equivale
 A uma palavra em situação dicionária:
 Isolada, estanque no poço dela mesma,
 E porque assim estanque, estancada;
 E mais: porque assim estancada, muda,
 E muda porque com nenhuma se comunica,
 Porque cortou-se a sintaxe desse rio,
 O fio de água por que ele discorria.

O curso de um riso, seu discurso-rio,
 Chega mansamente a se reatar de vez;
 Um rio precisa de muito fio de água
 Para refazer o fio antigo que o fez.
 Salvo a grandiloquência de uma cheia
 Lhe impondo interina outra linguagem,
 Um rio precisa de muita água em fios
 Para que todos os poços se enfrasem:
 Se reatando, de um para outro poço,
 Em frases curtas, então frase e frase,
 Até a sentença-rio do discurso único
 Em que se tem voz a seca ele combate.
 (MELO NETO, João Cabral de. Antologia Poética.)

Contemplando, nas pesquisas que desenvolveu em sua obra, a reprodução da fala do povo, outro grande autor brasileiro, Guimarães Rosa, valorizou, além do homem do sertão, “um meio de comunicação ancestral”⁸² e que tem sido resgatado nas últimas décadas devido à importância que representa na formação de leitores: a prática de contar histórias. Tradição em sociedades ágrafas, que através das narrativas orais transmitem o conhecimento, as crenças, os mitos, os valores, através de gerações, a narração de histórias revelou-se um dos pilares do Proler. Através de um saber que originariamente foi transmitido através da oralidade existe à nossa disposição farto material para garantir a uma parte significativa da população acesso a esse bem cultural, restrito, atualmente, a poucos privilegiados.

Fernando Lébeis, comentando sobre uma de suas oficinas de Contador de Histórias, nos fala dessa relação com a oralidade.

Acredito que, em sua singularidade, esta oficina tem proporcionado meios para que seus participantes, tendo consciência da importância do material trabalhado,

tenham também a possibilidade de crescimento individual e de um maior autoconhecimento alcançados através desse processo. O homem e o mundo existem em função um do outro.⁸³

Guimarães Rosa, através do seu personagem Riobaldo, nos dois momentos de sua vida, na mocidade e no momento da narração, já na velhice, exemplifica os tipos de narrador propostos por Walter Benjamin⁸⁴, em *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*, respectivamente, “o marinheiro, o viajante, o aventureiro e o camponês sedentário”⁸⁵.

Ao utilizar tais categorias, Walter Benjamin relaciona a narrativa épica à tradição popular. É na épica que o autor vai buscar os fundamentos de sua reflexão, pois a narrativa épica está ligada à oralidade.

Num mundo em que o modo de produção era, ainda, artesanal, o saber oriundo da experiência é transmitido através da narrativa oral pelo “camponês sedentário, que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições, e pelo marinheiro comerciante que viaja e, por isso, tem muito o que contar”⁸⁶.

5.5. Círculos de Leitura: A fruição do texto literário

A vida dos indivíduos da espécie humana formam um enredo contínuo, no qual toda tentativa de isolar um pedaço do vivido que tenha sentido desligado do resto – por exemplo, um encontro de duas pessoas que se tornará decisivo para ambas – deve levar em conta que cada um dos dois carrega consigo uma trama de fatos, lugares, outras pessoas e que desse encontro derivarão por sua vez outras histórias que se desligarão da história comum a eles⁸⁷.

A reflexão de Calvino é o mote para falar sobre os Círculos de Leitura, momento privilegiado de trocas de experiência, de solidariedade, de autoconhecimento, de reconhecimento da alteridade, através da leitura feita por um leitor-guia, oportunidade a que todos têm acesso. Após a leitura pausada e

bem articulada do texto discute-se o sentido daquela leitura, o significado que teve para cada participante, as emoções que despertou, as lembranças que trouxe à memória, sem que esta participação seja compulsória. A escolha do texto deve ser cuidadosa, optando-se sempre pelo texto literário. Um bom texto desperta espontaneamente a vontade de se enunciar, de contar a própria história “que é igualzinha à do texto” por coincidência, ou senão, bem parecida, e por aí cada um vai fazendo a sua catarse e descobrindo, como Sartre, em criança, que as Fadas estão ali dentro daquele livro que a mãe lia para ele todos os dias, ou senão as bruxas que precisamos exorcizar. E é possível que, como ocorreu com Lucia Peláez⁸⁸ o livro cresça tanto dentro de cada um que agora seja outro, agora seja de todos.

A leitura de um texto literário pode nos fazer vivenciar experiências de sofrimento, de angústia, mas também de prazer e essa consciência, em se tratando da formação de leitores, é recente. Em muitos manuais escolares, em projetos de leitura e até em determinados programas utiliza-se, entre os objetivos detalhados, o redundante “despertar o hábito da leitura na criança”. A partir das últimas décadas fala-se em despertar o prazer de ler. Uma reflexão mais atenta pode nos levar a outras dimensões da leitura.

”O ato de ler é um ato da sensibilidade e da inteligência, de compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas de conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos catarticamente e ampliamos a condição humana”.⁸⁹

Um dos textos mais fortes para expressar o prazer da leitura é o conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector⁹⁰.

Provocada em sua condição desejante a ter acesso ao livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, a narradora sofre verdadeira “tortura chinesa” nas mãos de uma coleguinha perversa que negaceia, obrigando-a a voltar várias vezes à sua casa na esperança de ter o livro. Ao consegui-lo, a partir da intervenção da mãe da menina, que começara a estranhar aquelas visitas cotidianas, a narradora relembra a experiência indizível daquele momento, comparando-o ao prazer de um encontro amoroso entre uma mulher e seu amante.

5.6.

Mediadores da Leitura: Inaugurando a formação

A orientação do Proler com relação à formação de recursos humanos foi uma das pedras de toque do programa. Havia um cuidado em não limitar essa formação a ações pontuais, a treinamentos eventuais. A proposta era promover um trabalho de apoio e inserção desses futuros promotores da leitura, entendendo que era necessário, primeiramente, que se constituíssem leitores. Para que se efetivasse essa proposta foram criados módulos, através dos quais eram realizados Encontros de Leitura.

Foram idealizados cinco módulos que se organizavam em etapas, abordando temas relevantes para a formação de leitores. Os trabalhos iniciavam-se pela sensibilização, que correspondia ao Módulo Zero, e seguiam privilegiando a interação, no Módulo I, a recepção, no Módulo II, a interpretação, no Módulo III, e a expressão, no Módulo IV. Os responsáveis pela condução dos trabalhos práticos e da parte teórica eram os profissionais das diversas áreas do conhecimento que foram convidados pelos promotores do programa e que aceitaram o desafio de formar um país leitor.

Também nessa perspectiva o programa apresentou seu teor instituinte, fornecendo os subsídios para que, em 1998, o Ministério da Educação e Desporto do Brasil lançasse um projeto que entre suas ações destacava

(...) o projeto visa contribuir para o redimensionamento do processo de formação inicial e continuada de professores do ensino fundamental, dos formadores e dos alunos em formação, com vistas à construção de uma nova cultura da cultura e da escrita na escola pública.⁹¹

O que singularizava o Proler, entretanto, é que o programa não restringia suas ações à escola. Expandia-as de modo que atingissem toda a sociedade sem discriminação. Um aspecto que merece reflexão quanto à formação de mediadores de leitura é que qualquer pessoa podia ter essa função, desde que sensibilizado pelas artes da narrativa e da literatura. Vale lembrar que uma das críticas feitas ao programa dizia respeito aos critérios de formação de mediadores, defendendo que apenas o professor ou o bibliotecário teria essa função. Considerando tal perspectiva, a função de formar leitores restringe-se, exclusivamente, à escola e o

mediador por excelência é o professor. Ocorre que o professor não gosta de ler, não tem tempo de ler e “não gasta dinheiro em livros” segundo fala em uma das reuniões de que participei na formação de professores. Diante desta realidade pode-se esperar muito pouco desse professor. O mesmo ocorre com as bibliotecas públicas. Muitas nem abrem suas portas. Outras apresentam acervos desorganizados e poucos funcionários para o atendimento. Além disso não foram preparados para o atendimento específico a determinadas faixas etárias, portanto, pouco podem ajudar na criação do interesse pela leitura. Entretanto tem-se conhecimento de trabalhos de formação de agentes de leitura que estão em pleno funcionamento e com uma estrutura bastante organizada.

5.7.

A Estratégia metodológica: Ruptura de paradigmas

Os encontros pedagógicos que foram denominados *módulos* (a estrutura dos módulos está descrita no documento *Ação Programática do Proler - 1995*, p. 13-17 e encarte). Eles constituem as etapas do caminho: momentos de *sensibilização, recepção, interação, interpretação e produção* nas quais o sujeito vai tomando posse de sua condição de *leitor-cidadão*. Um PROGRAMA e justamente por isto, sempre em construção e apoiado na metodologia proposta, que recomenda que a *formação do leitor* se dê em um processo contínuo e sistemático desdobrado em atualização permanente. Tive a oportunidade de percorrer o caminho pedagógico proposto, participando da coordenação de todas as cinco etapas (5 módulos) previstas como necessárias para o implante e desenvolvimento de ações de incentivo à leitura. (Nelly Duffles- Questionário)

A estratégia metodológica do programa consistia em trabalhar através de módulos que, dependendo da sensibilização do grupo, do interesse da comunidade e das instituições responsáveis ou parcerias feitas, podiam ocorrer com maior ou menor frequência. Por depender de aportes financeiros das instituições a que estavam vinculados alguns comitês não chegaram a fazer todos os módulos no período de vigência do Proler (1992-1996). Vitória da Conquista, pólo do Proler/UESB realizou os cinco módulos. São Matheus três, sendo dois num mesmo ano. A cidade de Goiás também desenvolveu três módulos. Dessa forma, adequando-se às condições promovidas através de um movimento com força

instituinte, os comitês trabalharam bastante nesses quatro anos, segundo os depoimentos dos entrevistados.

Oficina “leitura e Literatura”. Porto Velho, Dezembro de 1993. Maria das Graças, lente dos óculos quebrada, transpirando alegria por todo o corpo, exultante por estar entre colegas. Entretecendo, a cada texto lido, suas leituras e suas experiências: a viagem de canoa pelos rios da região, até chegar à escolinha onde lecionava; a acolhida festiva das crianças, braços estendidos para recebê-la. No início da oficina, hesitação e adiamento na escolha de um codinome. Em seguida, brilho nos olhos ao ler e ouvir sonetos musicados de Camões. Por fim, puro entusiasmo no anúncio da decisão: codinome – “Paixão de Camões”. E explica: passara anos tentando ler ou ouvir novamente os poemas de Camões que um dia ouvira através do rádio. Em vão: não tinha acesso a bibliotecas ou à aquisição do objeto livro. Nunca mais teve a oportunidade de ouvir a leitura desses textos. Há, porém, desígnios que nos escapam: naquele dia, sem que eu pudesse prever ou imaginar, proporcionara-lhe o tão desejado reencontro com os sonetos cuja sonoridade a seduzira. Maria das Graças professora de Rondônia, paixão no olhar e no codinome. Há encontros. Conhecê-la foi um. (Maria de Loutes Soares-Questionário).

5.8.

O espaço da reflexão teórica: Imperativo da proposta

O Proler definiu em seus princípios a reflexão teórica como um imperativo da proposta e todas as ações, módulos, oficinas, mesas-redondas, palestras eram momentos para a troca do conhecimento e o aprofundamento da teoria. O fato de ser um programa de origem acadêmica poderia causar desconforto em um público eclético. Há referências a esta preocupação em alguns depoimentos, mas há também informações em que se percebe que isto não era um impeditivo para que o grande número de participantes que acompanhava a maioria das ações se sentisse constrangido. Na Casa da Leitura, nos Seminários Nacionais e Internacionais, em especial, como se registrou anteriormente os atravessamentos dos vários saberes enriqueceu as experiências dos presentes, segundo os depoimentos que temos à disposição.

O arcabouço teórico distinguia questões que se apresentavam como fundamentais para a *formação do leitor*, leitura com dimensão semiótica — atividade permanente da condição humana, leitura do mundo precedendo a leitura

da palavra, leitura das diversas linguagens, leitura através de textos: da memória, das vivências, leitura perpassando diversos saberes, leitura prazer.

Prazer de ler. Era a identificação do Programa e resumia tudo o que sempre pensei que deveria existir no contato com os textos. Eu já sabia, sentia, mas ainda não havia lidado com uma prática onde a expressão fosse tão explicitamente verbalizada. Ao conhecer a linha teórica do Programa, percebi que reforçava os conceitos que eu tinha sobre a formação do leitor. (Nelly Duffles – Questionário)

Para um programa que começa a se estruturar num momento de farta produção teórica, tanto no país, quanto internacionalmente, as novas teorias desconstruíam uma série de paradigmas que em várias áreas do conhecimento pareciam cristalizados, em especial, nas áreas da Leitura, da Oralidade, da Literatura, da História da Literatura, da História e da Memória. Observando os temas dos módulos percebe-se como esta produção teórica foi motivo de discussões e de aprofundamento do conhecimento. Nas Ciências das Linguagens, em especial, com as contribuições da Psicanálise, a Análise do Discurso traz uma outra abordagem do funcionamento dos discursos no que diz respeito, por exemplo à questão do sentido. Esta nova área vai colocar em questão a própria noção de leitura. Eram, portanto, esses temas imprescindíveis numa mesa de debates sobre a leitura num momento em que a leitura era dirigida, o sentido era único, dentro, especialmente da instituição escolar.

NOTAS

- ¹ Elisa Cristina Lopes (entrevista em anexo)
- ² FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala, 1975: 166.
- ³ *Os Pensadores*, vol. III, 1972
- ⁴ HAVELOCK, 1996: 16
- ⁵ BARRENECHEA, 2005:59
- ⁶ *Id. Ibid.*, p. 55 que, segundo Cornford,
- ⁷ *apud* Garcia-Roza, 1998, p. 22.
- ⁸ CHAUI, 1997, p. 36).
- ⁹ SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Memória Coletiva e Teoria Social São Paulo, Annablume, 2003: 12)
- ¹⁰ PATRINI, 2005).
- ¹¹ *Os Pensadores*, 1999, p. 266- 267).
- ¹² *Os Pensadores*, 1999, p. 267-271)
- ¹³ *Id.,ibid.*).
- ¹⁴ SANTOS. Op.cit: 46-47).
- ¹⁵ *Id., ibid.*, p. 49).
- ¹⁶ *Id.ibid*: 48
- ¹⁷ HALBWACHS: Op. cit.: 73
- ¹⁸ *Id., ibid.*, p.46-49).
- ¹⁹ O que é memória social? 2005: 63
- ²⁰ *Id.ibid*: 64
- ²¹ *Id. Ibid*: 71
- ²² *Id.ibid*.
- ²³ FREUD, V. 4, 1958: 607
- ²⁴ BENJAMIN, Tese 7, 1994: 22.
- ²⁵ *Passagens*, 2006: 502-504.
- ²⁶ *Id.ibid*.
- ²⁷ BENJAMIN, Tese 16, 1994:231.
- ²⁸ *Idem*. Tese 17
- ²⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Ética e Valores, In Benjamin pensa a educação, vol. 7: 48-50
- ³⁰ BOSI, Ecléa. Memória de Velhos, 1998:17
- ³¹ Proler, 1995.
- ³² LOUREIRO. *Memórias de um leitor amoroso*, 1995.
- ³³ BOSI, *idem*:1998, 55.
- ³⁴ RICOEUR, 2007:158.
- ³⁵ BENJAMIN. Tese 3, 1994.
- ³⁶ GANEBIN *In* Benjamin, 1994
- ³⁷ *Id.ibid*. 1994: 198.
- ³⁸ BARTHES remetendo a Fragmentos do Discurso amoroso (paráfrase)
- ³⁹ 2ª edição, Barcelona, Editorial Laertes, 1998:22-25
- ⁴⁰ Esta concepção se apóia nas reflexões e Heidegger *apud* Larrosa.
- ⁴¹ Augusto Pessoa (entrevista em anexo)
- ⁴² BOBBIO, 2007: 439.
- ⁴³ LIMA, 2007: 94.
- ⁴⁴ Entrevista completa no Anexo I
- ⁴⁵ BOBBIO, 2007: 439.
- ⁴⁶ SANTOS, Milton, 2008: 76.
- ⁴⁷ *Id.ibid*: 74.
- ⁴⁸ *Por uma política de leitura* , 1992: 11.
- ⁴⁹ CASTORIADIS,1991:418
- ⁵⁰ Elisa Cristina Lopes - Questionário
- ⁵¹ BOBBIO, 2007: 440.
- ⁵² Pennac, 1998:143
- ⁵³ Bartolomeu Campos de Queirós (entrevista em anexo)
- ⁵⁴ Bethânia Mariani (entrevista em anexo)
- ⁵⁵ RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. SP, Ed. Unicamp, 2007:48.
- ⁵⁶ Maria Dolores Coni (entrevista em anexo)

-
- ⁵⁷ Maria Teresa Gonçalves Pereira (entrevista em anexo)
- ⁵⁸ Marta Moraes Costa (entrevista em anexo)
- ⁵⁹ YUNES, Eliana. *Formação do Leitor: uma teoria e prática de caráter transdisciplinar*. Palestra apresentada no Fórum de Estudos Linguísticos da UERJ, outubro de 1997.
- ⁶⁰ Telissa Graeff (entrevista em anexo)
- ⁶¹ Maria Luíza de Freitas Almeida (entrevista em anexo)
- ⁶² LIMA, Eunice Negris. Representações e práticas de incentivo à Leitura no Espírito Santo, no período de 1997 a 2005. Vitória, UFES, 2007: 92-94.
- ⁶³ Francisco Aurélio. Em 1992, era Secretário de Cultura da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), Professor do Departamento de Letras e membro da Academia Espírito-Santense de Letras e do IHGES.
- ⁶⁴ Lúcia Maroto (entrevista em anexo)
- ⁶⁵ Santinho de Souza (entrevista em anexo)
- ⁶⁶ Ebe Lima (entrevista em anexo)
- ⁶⁷ Goiandira Ortiz (entrevista em anexo)
- ⁶⁸ Francisco Gregório (entrevista em anexo)
- ⁶⁹ Ricardo Oiticica (entrevista em anexo)
- ⁷⁰ Nanci Nóbrega (entrevista em anexo)
- ⁷¹ Nelly Duffles (entrevista em anexo)
- ⁷² Lúcia Fidalgo (entrevista em anexo)
- ⁷³ Sérgio Rivero (entrevista em anexo)
- ⁷⁴ “Era o dia 19 de dezembro de 2003. Corremos, Isabel e eu, até seu apartamento e ao vê-lo deitado, de olhos fechados, sereno, lembrei-me da canção do boi, e no silêncio do meu coração cantei:” (Reação de Dolores Coni Campos diante do corpo de Fernando Lébeis que acabara de falecer.)
- ⁷⁵ ROLAND, Ana Maria. Fronteiras da palavra, fronteiras da História: contribuição à crítica da cultura do ensaísmo latino-americano através da leitura de Euclides da Cunha e Otávio Paz. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997: 14.
- ⁷⁶ RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro, Record, 1997: 35-36.
- ⁷⁷ Id. ibid: 126
- ⁷⁸ HAVELOCK, 1996
- ⁷⁹ Id. ibid.
- ⁸⁰ Id. ibid.: 15
- ⁸¹ MELO NETO, João Cabral. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio – Sabiá, 1973: 21
- ⁸² SISTO, Celso, 1996
- ⁸³ Fernando Lébeis, em depoimento de Dolores Coni Campos especialmente para esta Tese).
- ⁸⁴ BENJAMIN, 1994
- ⁸⁵ Segundo, Willi Bolle, autor de *grandesertão.br*,
- ⁸⁶ BENJAMIN: 1986.
- ⁸⁷ CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Companhia das letras. 2ª edição 2005: 157.
- ⁸⁸ Personagem de *O livro dos abraços*. Eduardo Galeano.
- ⁸⁹ YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor, Papéis avulsos, 1993.
- ⁹⁰ LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina, 1975.
- ⁹¹ SOARES, 2002 Op. cit.